

O DISCURSO DO PODER NA OBRA DE RUTH ROCHA

Jackeline Barcelos Corrêa (UNEF)

jackeline.barcelos1@hotmail.com

Liz Daiana Tito Azeredo da Silva (UNEF)

lizdaiana@ig.com.br

Dhienes Carla Ferreira (UNEF)

dhienesch@hotmail.com

Marcela Vieira Coimbra (UNEF/RJ)

marcela-vcoimbra@hotmail.com

RESUMO

A literatura escrita para crianças evoluiu bastante desde a década de 70 e a produção para os pequenos leitores está, a cada dia, mais voltada para a realidade da criança, mas isto não significa que o lado mágico e lúdico está perdido. Muito ao contrário, muitos livros conseguem fundir uma boa dose do mundo real, com o mundo mágico e o mundo ideal. Por exemplificarem bem o papel da literatura é que as obras *O Reizinho Mandão*, *O Que os Olhos Não Veem* e *Sapo Vira Rei Vira Sapo* da escritora Ruth Rocha foram escolhidas para contextualizarem os objetivos deste trabalho, que são: provar que a literatura tem papel importante na formação social da criança; examinar como e por quem o discurso do poder é construído e desconstruído; mostrar que as obras literárias feitas para crianças têm o mesmo engajamento social e político que as obras feitas para adultos. Confirmou-se que as obras analisadas tratam de temas com enfoque social e político, falando de democracia e autoritarismo. É claro que as narrativas se dirigem o tempo todo, às crianças, mas tratam sim dos mesmos temas que obras dirigidas aos adultos.

Palavras chave: Literatura infantil. Discurso. Poder.

1. Introdução

Esta comunicação justifica-se pelo fato de ser necessário compreender que as obras literárias feitas especificamente para as crianças, entendidas como um gênero específico do discurso nada deve à literatura, sem adjetivos ou rótulos, pois abordam os mesmos temas das obras literárias ditas para adultos. Muitos pais questionam e dizem aos professores “este tema não é para criança”, é preciso desmitificar que existam temas para as crianças e temas para os adultos.

O discurso do poder faz parte de todas as relações sociais, é ele que mantém a ordem na sociedade, na família, em todas as relações sociais. Porém, há pessoas que fazem mau uso deste poder, ou seja, abusam

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

do poder que têm, exercendo coerção sobre outras pessoas, violando seus direitos.

Para Barthes, somente na literatura podemos ver a língua fora do discurso do poder, pois se um texto for imposição de ideias ele perde seu “status” literário. Por outro lado, a literatura é utilizada como forma de denúncia para os discursos ideológicos presentes na sociedade.

As obras de Ruth Rocha foram escolhidas para análise, pois alguns de seus livros chamam a atenção do leitor por conta dos temas engajados social e politicamente. Pretende-se, através da análise de três obras da autora, primeiramente, provar que a literatura tem um papel importante na formação do leitor criança, mas para isso é necessário, com base nos trabalhos dos pesquisadores da área, mostrar que a obra de ficção representa socialmente a realidade, trazendo vivências importantes para o leitor criança.

O segundo objetivo é examinar o papel da linguagem na construção e desconstrução do discurso do poder. Analisar-se-á quem constrói e desconstrói o discurso do poder e de que forma ele é construído e desconstruído.

O terceiro e último objetivo é mostrar que a literatura feita para crianças tem o mesmo engajamento social e político que as obras feitas para os adultos, para isso serão analisadas as alegorias apresentadas por Ruth Rocha, relacionando-as com o momento histórico em que as obras foram produzidas.

Não há como dissociar discurso de língua, uma vez que este é a materialização da língua e é através dele que manifestamos nosso pensamento. A partir dela é possível chegar à conclusão de que não há pensamento fora linguagem.

A vida em sociedade faz com que o homem esteja sempre em contato com os mais variados tipos de discurso, já que o discurso é a base de todo relacionamento social: entre aluno e professor, entre pais e filhos, entre médico e paciente.

Ingedore Villaça Koch nos diz que a linguagem humana se afirma a partir de três concepções principais: “como representação (espelho) do mundo e do pensamento; como instrumento (ferramenta) de comunicação; como forma (lugar) de ação ou interação”. (KOCH, 1992, p. 9)

De acordo com a primeira destas concepções, a linguagem “espelho” reflete o pensamento e o conhecimento que temos do mundo; a segunda concepção é que a linguagem tem como principal função transmitir informações, e a terceira concepção define a linguagem como “interação”, ou seja, ação e reação.

Nesta pesquisa trabalhar-se-á discurso enquanto campo de interação social, levando em conta sempre o contexto de produção do mesmo, no espaço e no tempo, assim como as formações ideológicas que nele residem. A definição de discurso que se encontra no livro “A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso” é uma das que melhor se enquadra neste trabalho

O uso que estou fazendo do conceito de discurso é o da linguagem em interação, ou seja, aquele em que se considera a linguagem em relação às suas condições de produção, ou, dito de outra forma, é aquele em que se considera que a relação estabelecida pelos interlocutores, assim como o contexto, é constitutiva da significação do que se diz. Estabelece-se, assim, pela noção de discurso, que o modo de existência da linguagem é social: lugar particular entre língua (geral) e fala (individual), o discurso é lugar social. Nasce aí a possibilidade de considerar a linguagem como trabalho. (ORLANDI, 1987, p. 157)

Nesta definição verificamos que o discurso leva em conta as três concepções de linguagem citadas por Koch. Ele é espaço de comunicação, “espelho” do mundo onde as ideologias aparecem a todo tempo e, também campo de “interação” social. Segundo Orlandi, a construção do sentido só se faz através do discurso. Não há sentido (significação) fora do campo interacional que há nele, ou seja, o sentido se faz através da contextualização do que se diz e da posição que os interlocutores ocupam.

Segundo Fiorin, o discurso não é algo feito de qualquer forma, muito pelo contrário, ele é muito bem articulado para que se atinja um objetivo: “(...) o falante organiza sua estratégia discursiva em função de um jogo de imagens: a imagem que ele faz do interlocutor, a que ele pensa que o interlocutor tem dele, a que ele deseja transmitir ao interlocutor etc.”. (FIORIN, 2003, p. 18)

Todos os tipos de discurso visam, de alguma forma, a persuadir o seu leitor, mas o discurso autoritário ou discurso do poder “... é a formação discursiva por excelência persuasiva [...]. O discurso autoritário lembra um circunlóquio: como se alguém falasse para um auditório composto por ele mesmo [...]”. (CITELLI, 2004, p. 39)

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

O poder nem sempre é utilizado para propósitos maléficis. Os pais fazem uso dele para educar adequadamente seus filhos. Bons professores também o utilizam para orientar seus alunos, de acordo com Teun Adrianus van Dijk “... a sociedade não funcionaria se não houvesse ordem, controle, relações de peso e contrapeso, sem as muitas relações legítimas de poder”. (2008, p. 27)

O poder praticado de forma legítima, como afirma van Dijk na citação acima, é uma necessidade social, porém sua forma ilegítima ou “abuso de poder” tem papel altamente coercitivo, que reprime e, frequentemente, tira do cidadão qualquer ação, inclusive o direito à livre expressão.

O abuso de poder, então, significa a violação de normas e valores fundamentais no interesse daqueles que têm o poder e contra os interesses dos outros. Os abusos de poder significam a violação dos direitos sociais e civis das pessoas. (DIJK, 2008, p. 29)

Todos os tipos de discurso visam, de alguma forma, a persuadir o seu leitor, mas o discurso autoritário ou discurso do poder “... é a formação discursiva por excelência persuasiva [...]. O discurso autoritário lembra um circunlóquio: como se alguém falasse para um auditório composto por ele mesmo [...]”. (CITELLI, 2004, p. 39)

O poder nem sempre é utilizado para propósitos maléficis. Os pais fazem uso dele para educar adequadamente seus filhos. Bons professores também o utilizam para orientar seus alunos, de acordo com Teun Adrianus van Dijk, “... a sociedade não funcionaria se não houvesse ordem, controle, relações de peso e contrapeso, sem as muitas relações legítimas de poder”. (2008, p. 27)

O poder praticado de forma legítima, como afirma van Dijk na citação acima, é uma necessidade social, porém sua forma ilegítima ou “abuso de poder” tem papel altamente coercitivo, que reprime e, frequentemente, tira do cidadão qualquer ação, inclusive o direito à livre expressão. “O abuso de poder, então, significa a violação de normas e valores fundamentais no interesse daqueles que têm o poder e contra os interesses dos outros. Os abusos de poder significam a violação dos direitos sociais e civis das pessoas”. (DIJK, 2008, p. 29)

Definir o que torna um discurso literário ou não-literário não é tarefa das mais fáceis, mesmo para os especialistas da área. Segundo Lajolo, “Não existe *uma* resposta correta, porque cada grupo tem sua resposta, sua definição para literatura” (1989, p. 25). O discurso literário é a es-

sência da literatura; é nele que os escritores manifestam seu pensamento acerca do mundo.

Para Lajolo (1989) a definição para o que é ou não literário dependerá do tempo e do grupo social. É uma definição que não pode estar pronta em livros teóricos. Esta definição até pode existir, mas logo se esvazia e outra definição vem e a substitui.

O discurso para ser literário não pode ser prescritivo, literatura não é receita de bolo, nem tampouco é lei. O discurso literário é aquele que se conecta diretamente com o imaginário do leitor, fazendo com que este crie um universo fictício dentro de seus espaços mentais. Lajolo diz que a literatura não é transmissora, mas que ela dá asas e traz significação para coisas antes sem significado:

Literatura não transmite nada. Cria. Dá existência plena ao que, sem ela, ficaria no caos do inomeado e, conseqüentemente, do não existente para cada um. E, o que é fundamental, ao mesmo tempo cria, aponta para o provisório da criação. (LAJOLO, 1989, p. 43)

É importante salientar que não é o que está contido no texto que o torna literatura, o que o define enquanto literatura não é a forma, nem o conteúdo. O que torna um discurso literário está muito mais no resultado da interação leitor e escritor do que qualquer outra característica que a obra possa ter.

O mundo representado na literatura, simbólica ou realisticamente, nasce da experiência que o escritor tem de uma realidade histórica e social muito bem delimitada. O universo que autor e leitor compartilham, a partir da criação do primeiro e da recriação do segundo, é um universo que corresponde a uma síntese – intuitiva ou racional, simbólica ou realista – do aqui e agora que se vive. (LAJOLO, 1989, p. 65)

Segundo Barthes, “a língua implica uma relação fatal de alienação. Falar, e com maior razão discorrer, não é comunicar, como se repete com demasiada frequência, é sujeitar: toda língua é reição generalizada” (BARTHES, 1983, p. 13), sendo assim, surge a questão dentro do ponto de vista do discurso literário: não existe literatura? Sabemos que literatura não é sujeição, muito pelo contrário é interação, é recriação... No mesmo livro, Barthes esclarece que só existe um lugar onde podemos “ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: literatura”. (BARTHES, 1983, p. 16)

A partir das afirmações de Lajolo e Barthes, conclui-se que a língua está sempre marcada por ideologia e autoritarismo, mas que tais dis-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

curiosos não cabem na literatura, pois a presença deles tiraria da obra o *status* de literatura. Por outro lado, a literatura, ou melhor, o discurso literário deixa marca dessa sujeição ao rebelar-se contra o poder, contra os discursos autoritários e a favor de uma visão mais crítica da sociedade.

2. *Ruth Rocha e suas ideias*

Ruth Machado Lousada Rocha nasceu em São Paulo no dia 02 de março de 1931, tem quatro irmãos e teve uma infância repleta de livros e gibis. Desde muito jovem já tinha muita vontade de escrever, mas só em 1976 escreveu seu primeiro livro *Palavras Muitas Palavras*. Tem uma formação educacional bastante sólida: é graduada em ciências sociais na Escola de Sociologia e Política e pós-graduada em orientação educacional pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

É imprescindível falar da importância da família na formação de Ruth Rocha, pois sabemos que a família é a base da nossa educação, principalmente da nossa formação moral, como também essa formação norteia nossos passos futuros. Em função dela sempre sabemos que caminhos seguir, para onde ir, ainda que não nos sintamos predestinados a isto ou a aquilo.

Sua produção literária conta com mais de cento e quarenta títulos publicados no Brasil, entre livros de ficção, didáticos, paradidáticos e um dicionário. É importante dizer que é uma produção em série, o que, segundo a doutora Luci Ruas Pereira, provoca um sobe-desce de qualidade literária. Sabe-se ainda que Ruth Rocha foi indicada ao Prêmio Hans Christian Andersen¹¹, mas não fora premiada, talvez isto possa ser um indicativo de que apesar da escritora ter alguns livros de excelente qualidade literária, nem todos mantêm boa qualidade.

Ruth Rocha recebeu várias premiações por suas obras, foi 5 vezes ganhadora do Prêmio Jabuti¹², ganhou o Prêmio João de Barro, foi premi-

¹¹ O Prêmio Hans Christian Andersen é considerado o Nobel da Literatura Infantil e Juvenil: a FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil) indica desde 1970, a cada dois anos, os candidatos (um escritor e um ilustrador) vivos pelo conjunto da sua obra. Disponível em: <http://www.fnlij.org.br/principal.asp?cod_mat=27>. Acesso em: 04-06-2009.

¹² O Prêmio Jabuti foi lançado em 1959, idealizado por Edgard Cavalheiro quando presidia a Câmara Brasileira do Livro. Na atualidade é o mais tradicional e importante prêmio literário do Brasil. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%AAmio_Jabuti_de_Literatura>. Acesso em: 04-04-2009.

ada pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil da Câmara Brasileira do Livro, ganhou o prêmio Moinho Santista de Literatura Infantil, foi condecorada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso com a Comenda da Ordem do Mérito Cultural do Ministério da Cultura. Ruth Rocha tomou posse na Academia Paulista de Letras, onde ocupa a cadeira de número 38.

Ruth Rocha se mostra sempre disposta a escrever sobre qualquer tema para o público infantil, deixando claro que não existe uma divisão entre temas para adultos e temas para as crianças: “[...] Quero reclamar de governos autoritários. Quero mostrar a existência de desigualdade entre o homem e a mulher. Não fujo muito de temas que, supostamente, não pertencem ao universo infantil”. (ROCHA, 1995, p. 48)

Ruth foi sempre uma mulher engajada nos problemas sociais e políticos do seu tempo e produziu seus livros mesmo durante a ditadura militar, período que vai do ano de 1964 a 1984. As obras produzidas neste período traduzem, através de metáforas, o descontentamento da escritora com as injustiças e os desmandos cometidos pelos “reizinhos mandões” da época, isto só foi possível porque a literatura para crianças, vista como um gênero menor, escapou aos censores naquela época.

A autora busca, na maioria de seus livros, responder aos questionamentos e aos medos do público infante-juvenil. Seus temas e histórias são todos retirados do mundo de hoje, do real, do moderno, ainda que falem de sapos que viram reis. Ela consegue passar valores muito importantes às nossas crianças, valores dos quais a nossa sociedade anda extremamente carente, a forma que ela consegue passar tais valores é bastante interessante, ela o faz através de sua linguagem lúdica, sem ter que ser moralista.

É essencial que os temas de alguns de seus livros sejam mencionados para entender-se que ideias Ruth andou semeando no imaginário dos nossos pequenos leitores ao longo de sua carreira como escritora.

Marcelo Marmelo Martelo (1976) traz a reflexão das crianças quanto à questão da arbitrariedade do signo linguístico, neste livro, Marcelo questiona por que não podemos chamar travesseiro de “cabeceiro”, se nele repousa-se a cabeça. De um modo muito divertido e encantador a escritora traz a criança para o mundo da linguagem, falando inclusive de significante e significado.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Em *Histórias Malcriadas*, Ruth narra, através de um narrador criança, a visão da criança acerca das convenções sociais e religiosas, citando inclusive as mentiras que os adultos frequentemente contam às crianças, mentiras que muitos de nós ouvimos e que, não se sabe por que, alguns insistem em continuar contando para as crianças. Em *Faca Sem Ponta* a reflexão também é voltada para as convenções sociais, mas desta vez o foco está nos papéis feminino e masculino, que cerceiam a liberdade do homem e da mulher, desde a infância.

Em *Nicolau Tinha Uma Ideia e Bom Dia, Todas as Cores*, o tema é a troca de experiências que podemos passar na relação com o outro, sem que tenhamos prejuízos, sem que haja necessidade de sermos omisos, pelo contrário, podemos e devemos crescer com tais experiências, mas sem perdermos a nossa individualidade.

Como dito pela própria Ruth, ela não teme os temas mais difíceis e fala até sobre relacionamento familiar, em *De Repente Dá Certo*, as brigas, disputas e discussões que ocorrem quando dois adolescentes, filhos de pais separados, se veem formando uma nova família.

Os medos das crianças são tratados com muito humor pela escritora, que tem a capacidade de transformar um medo de verdade em um medinho de nada, parece que Ruth torna-se criança, pois ela consegue desvendar o universo interior da criança. Há uma série de livros que tratam destes medos, os quais são compartilhados pelos adultos: *Quem Tem Medo do Ridículo?*, *“Quem Tem Medo de Dizer Não?”*, *Quem Tem Medo de Cachorro?*, *Quem Tem Medo de Monstro?* e *Quem Tem Medo de Quê?*.

Sendo uma escritora voltada para a realidade contemporânea, Ruth não poderia deixar de abordar o papel da criança e da mulher na nossa sociedade, em “O reizinho mandão” Ruth dá voz a aquela que não tem voz na nossa sociedade, cabe à menina (criança e também representante do sexo feminino) devolver a voz ao povo que havia se calado mediante o autoritarismo daquele “reizinho mandão”.

Em *O Que os Olhos Não Veem*, Ruth deixa muito claro que está na mão do povo mudar a realidade, o povo é o “gigante” que só precisa unir suas forças para se fazer existir, se fazer ouvir e fazer valer seus direitos. Ruth, como já se observou, é escritora que fala de seus valores éticos, e estes valores, certamente farão que os pequenos, reflitam não apenas sua condição, enquanto criança, mas sua condição, enquanto povo, enquanto cidadãos.

2.1. A encenação dos discursos sociais nas obras de Ruth Rocha

Ruth Rocha aborda em seus livros os mais variados temas, encenando vários aspectos da realidade da criança brasileira. As crianças, no mundo de hoje, vivem a realidade “nua e crua”. Elas são obrigadas a conviver com uma realidade que não difere muito da realidade do adulto: separação, política, miséria, violência...

Em *Quando a Escola É de Vidro*, Ruth Rocha encena de forma cômica, aspectos muito sérios da realidade de muitas escolas atuais, onde o livre pensar não existe. A escritora começa o livro assim, “Naquele tempo eu até achava natural que as coisas fossem daquele jeito” (1986, s./n.). Percebe-se que apesar de criticar duramente o sistema de educação vigente, há nele aspectos pedagógicos, como por exemplo achar natural que as coisas fossem do jeito que eram, ainda que “naquele tempo”. Os alunos, durante as aulas, ficavam em vidros com tampas, onde não havia espaço para qualquer manifestação do pensamento, não havia interação entre aluno e professor. O professor detinha o saber e este saber era transmitido aos alunos como imposição, se o aluno se esticasse, por exemplo, a tampa do vidro saltava e batia no professor que “[...] ficava louco da vida e atarrachava a tampa com força, que era pra não sair mais” (1986, s./n.), ou seja, qualquer manifestação por parte do aluno era totalmente podada pelo professor. A autora diz que as meninas ficavam em vidros ainda menores que os meninos e que, tinha crianças que usavam vidro em casa também, as crianças não tinham o direito de pensar e as meninas então...

Como se Fosse Dinheiro é um livro também bastante engraçado, não fosse o real ali presente. Neste livro, Ruth conta a história que ocorria todos os dias na cantina de uma escola, onde o vendedor dava o troco às crianças em balas ou chicletes, até que um menino resolve pagar o lanche com uma galinha e diz ao dono da cantina “Galinha é como se fosse dinheiro...” (2004, p. 12), repetindo o que ele sempre falava ao dar troco em balas. Sabemos que no comércio hoje em dia, isto é uma prática muito comum, mas muitas vezes às pessoas nem param para pensar que estão sendo lesadas.

No livro *Romeu e Julieta*, a escritora conta uma versão adaptada para a criança do grande clássico de Shakespeare, o tema principal do livro não é o amor como em Shakespeare, mas sim a amizade, porém esta amizade fica sujeita ao preconceito de cor, pois “Todas as coisas eram separadas pela cor” (2003, p. 1), essa história encena várias característi-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

cas da realidade, para começar a segregação, que pode ser tanto racial, quanto social; o papel da mulher na sociedade atual, pois é a mãe borboleta amarela que decide ir falar com a mãe borboleta azul (mãe de Romeu), solucionando o problema e para fechar ela ressalta a importância da solidariedade entre os povos: “Se todas as borboletas do mundo pudessem dar as mãos, fariam uma grande roda em volta do mundo”. (2003, p. 39)

3. *A manifestação do discurso do poder*

Ao longo deste trabalho, viu-se que Ruth Rocha aborda com muita coerência temas bastante atuais. A escritora não foge aos temas mais difíceis tendo escrito livros que questionaram governantes autoritários em plena ditadura militar.

É necessário contextualizar a época em que as obras analisadas foram escritas. O primeiro livro da trilogia dos reis é *O reizinho mandão* escrito em 1978; o segundo é *O Que os Olhos Não Veem*, escrito em 1981 e finalmente *Sapo Vira Rei Vira Sapo* ou *A Volta do Reizinho Mandão*, escrito em 1982.

Na época em que as obras indicadas foram escritas, o Ato Institucional Nº 5 (AI-5), fase mais radical da ditadura militar, ainda vigia no Brasil, mas já estava em “processo de abertura política”. Sabe-se que a censura na época era muito rígida, incluindo métodos repressivos desumanos e ilegais. Vários intelectuais e artistas da época procuravam burlar a censura para contestar o poder vigente

O Brasil começou nova fase da história, que, no início, autodenominou-se revolucionária, mas que, aos poucos, foi-se mostrando conservadora, autoritária e coercitiva. A degradingolada final acontece em 1968, com a promulgação do AI-5. Proibiu-se o que fosse contrário ao regime, e os desobedientes podiam sofrer toda sorte de punição, desde a perda do emprego e a tortura.

Diante desse quadro, as pessoas se encolheram, e tal repressão afetou a cultura, sobretudo o cinema e o teatro, artes que mais direta e imediatamente dependem de público. (ZILBERMAN, 2005, p. 45-46)

Como já foi visto anteriormente, Ruth Rocha é socióloga e procurou sempre vincular sua obra literária à realidade vigente, e não teve qualquer receio em falar de um certo “reizinho mandão” que vivia num país muito longe daqui. O mais estranho é que, apesar de transgredir claramente o regime vigente, Ruth escapou aos censores da época. Ótimo para ela e, principalmente, para a produção literária dirigida às nossas

crianças. Infelizmente, a obra literária para as crianças só conseguiu sair ileso por ser vista, sobretudo naquele momento, como gênero menor

A literatura não escapou da repressão, no entanto, sofreu menos. E a literatura infantil, que, talvez por não ser vista, não era lembrada, pôde se apresentar como uma dessas válvulas de escape, por onde os produtores culturais – escritores, ilustradores, artistas em geral – tiveram condições de manifestar ideias libertárias e conquistar leitores. (ZILBERMAN, 2005, p. 46)

Alguns cantores se valeram de metáforas para falar de política, de democracia, enfim para fazer valer o direito à livre expressão que era totalmente tolhido na época. Ruth Rocha usou o mesmo artifício, que tinha dupla função na época: aproximar o texto do público alvo e, é claro não deixar tão evidente que se tratava de uma crítica ao regime militar. Por outro lado, não é preciso ser especialista em literatura para perceber que os “reinos distantes” aos quais a autora se refere têm muitos pontos em comum com o nosso Brasil, segue pequeno trecho de uma entrevista dada pela escritora à *Revista Língua Portuguesa*

Na ditadura, percebiam seu “truque” de criar livros sobre reis (como o Reizinho Mandão) para falar dos poderosos do momento?

Fui a uma escola no fim dos anos 70 e um menino, de uns 9 anos, falou: “Esse rei aí é o presidente da República?”. E eu: “Pode ser um presidente da República, um pai ou um professor autoritário...”. E ele: “É, mas esse aí é o presidente da República”. E eu: “É, esse é o presidente”. Ele retrucou: “E você não tem medo da polícia?”. (BONINO, 2008, p. 16)

Como contado pela própria autora, até uma criança de nove anos foi capaz de perceber que aquele “Reizinho Mandão” era o presidente da época, mas certamente naquela época, ninguém pensaria que um gênero visto como menor, abordaria temas tão engajados na realidade social e política da época.

Nossas crianças necessitam de livros que deem a elas o prazer da leitura, que as façam mergulhar no mundo da imaginação, mas que as aproximem da realidade. A criança, muitas vezes, é obrigada a amadurecer antes da hora e a literatura pode facilitar muito nesta tarefa, pois ela pode relacionar a fantasia com o seu mundo real.

Há pais que pensam que à criança só podem ser apresentados temas que falem de coisas boas, mas estes esquecem que a vida não é formada só de coisas boas, há o lado bom e também existe o lado ruim, segundo Bettelheim “[...] esta visão unilateral nutre a mente apenas de modo unilateral, e a vida não é só agradável”. (BETTELHEIM, 1990, p. 17)

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

3.1. O reizinho mandão

Este livro tem traços muito distintos e bastante interessantes, a começar pelo título *O Reizinho Mandão* que é composto por uma palavra no diminutivo e outra no aumentativo. As palavras no diminutivo podem ter valor afetivo ou pejorativo e as palavras no aumentativo têm valor pejorativo, no título do livro, nota-se claramente que as duas palavras têm valor pejorativo, pois ninguém veria este “mandão” com tanto afeto para chamá-lo “reizinho”.

A narrativa começa com versos que lembram a literatura de cordel não apenas pela forma, mas porque tem ritmo e cadência nas rimas muito parecida com a do cordel

Quando Deus enganar gente,
Passarinho não voar...
A viola não tocar,
Quando o atrás for na frente,
No dia que o mar secar,
Quando prego for martelo,
Quando cobra usar chinelo,
Cantador vai se calar... (1997, p. 5)

Percebe-se ainda outro detalhe no último verso: a oralidade do texto, outra característica do cordel. Este último verso também pode referir-se à própria escritora, que parece desafiar a ditadura ao dizer que de forma alguma se calará, uma vez que todas as hipóteses aventadas nos versos anteriores são impossíveis de concretizar-se

O Reizinho Mandão não é, pois, contado, e sim cantado, e esta escolha é importante, porque, na abertura o narrador chama a atenção para as condições – todas impossíveis, como nas vezes em que o “atrás for na frente”, o “prego for martelo”, ou “cobra usar chinelo” – que podem fazer um cantador “se calar”. O que está em jogo, pois, é a hipótese de uma pessoa dar livre curso não apenas a seus pensamentos, mas também a possibilidade de exteriorizá-los verbalmente. (ZILBERMAN, 2005, p. 61)

A cantadora continua em tom oral, contando sua história “Eu vou contar pra vocês uma história que o meu avô sempre contava” (1997, p. 6), mostrando também que é uma história que reflete a tradição oral, pois o avô dela sempre contava.

Ruth, primeiramente, traça um perfil do rei que segue o arquétipo esperado de um rei

Como esse rei
era de história,
era um rei muito bonzinho,

muito justo...
E tudo o que ele fazia
era para o bem do povo (1997, p. 7),

o rei era um homem justo, bom e que fazia as coisas pensando no bem do povo. Em contrapartida, o príncipe, filho daquele rei... “era um sujeitinho muito mal-educado, mimado, destes que as mães deles fazem todas as vontades e eles ficam pensando que são os donos do mundo” (1997, p. 8), o “reizinho mandão” representava não apenas o presidente da República da época, mas também meninos e meninas que foram mimados pelos pais e crescem pessoas autoritárias, o que manterá o livro de Ruth sempre atual, pois sempre haverá reizinhos mandões por toda estrutura social.

O “reizinho mandão” tornou-se rei daquele lugar e sua diversão era “[...] fazer leis e mais leis. / E as leis que fazia eram as mais absurdas do mundo” (1997, p. 10): proibiam as pessoas de dormir de gorro na primeira quarta-feira do mês, proibiam cortar a unha do dedão do pé em noite de lua cheia. Os conselheiros do rei tentam explicar que não é assim que se fazem as leis, que as leis têm que ser feitas para tornar o povo mais feliz. Todavia, o rei mandão e mimado, não podia ser contrariado e logo reage aos gritos: “Cala a boca! Eu é que sou rei. Eu é que mando!” (1997, p. 12)

É importante dizer que este reizinho só tem um amigo: seu papagaio, que passa a história toda repetindo o que o reizinho diz. Como o que o reizinho mais diz é “Cala a boca!”, esta é a frase repetida pelo papagaio. Ter como amigo, alguém que só repete o que diz é ouvir o eco da própria voz o tempo todo. Na verdade, o papagaio é o símbolo do ego-centrismo deste reizinho mandão e tão mimado a ponto de só ser capaz de ouvir o eco da sua própria voz.

Este reizinho, assim como aquele presidente da República, manda que todos se calem “Podia ser ministro, embaixador, professor” (1997, p. 13). Não pensava no povo. É importante ressaltar que o AI-5 tirou a “voz” não apenas do povo, mas o Congresso Nacional e as Câmaras de todo o Brasil foram fechadas.¹³ O reizinho exerce um poder coercitivo muito forte sobre todo o reino e todos realmente começam a calar-se

E, de tanto ficaram caladas,
as pessoas foram esquecendo

¹³ Informação extraída da Wikipedia. Disponível em:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Ata_Institucional_N%C3%BAmero_Cinco. Acesso em: 23-05-2009.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

como é que se falava.
Até que chegou um dia
em que o reizinho percebeu
que ninguém mais no reino sabia falar.
Ninguém! (1997, p. 14)

A primeira reação do reizinho é positiva. Ratifica o seu poder. Podia falar todas asneiras e promulgar leis tolas que não seria interrompido. O papagaio reforça o seu autoritarismo ao dizer “Cala a boca! Cala a boca!”. Como a ação do tempo é incontornável, o reizinho vai enjoando de tanto falar sozinho e começa a tentar conversar com as pessoas “Mas as pessoas não respondiam nada” (1997, p. 16). Louco da vida, o reizinho grita e xinga, mas as pessoas tinham desaprendido a falar. Aos poucos, o reizinho vai percebendo a asneira que fizera com seu povo e conclui que é preciso consertar a situação. Parte em busca de um grande sábio que reside em um reino vizinho, atravessa seu próprio reino (que era grande) até chegar ao tal reino, onde as pessoas brincam e falam com ele, sem que ele mande qualquer pessoa calar a boca.

O grande sábio “era um velho miudinho” capaz de mudar a história daquele reino, pois ele é a primeira pessoa a dar um pito naquele reizinho

E o velho andava de um lado pro outro,
balançava a cabeça, sacudia o dedo,
bem no nariz do rei.

Ruth Rocha dá voz de grande importância primeiramente ao “velho miudinho”, fazendo valer a sabedoria e a voz dos mais velhos.

O reizinho, seguindo o conselho do velho sábio “Se conseguir encontrar uma criança, uma só que saiba falar, ela vai dizer a você o que precisa ouvir. E nesse dia seu reino vai ficar livre dessa maldição” (1997, p. 25), retorna ao seu reino à procura da criança que ainda fale, até que depois de andar bastante, pois naquele reino só havia uma única criança que não se calou, ele localizou uma menina que ainda falava, porém como ela se recusasse a falar, ele resolve exigir que ela fale, deixando cair sua máscara

– Olhe aqui, minha filha! Eu sou o rei sabia?

Trate de dizer alguma coisa já, já!

A menininha não disse nada, mas o papagaio,

Ouvindo a voz antiga do reizinho,

Arrepiou-se todo e gritou:

– Cala a boca! Cala a boca! Cala a boca! (ROCHA, 1997, p. 33)

A palavra tem poder de mandar e fazer silenciar, na voz do “reizinho mandão”, mas a mesma palavra tem o poder de fazer valer “o direito individual”, na voz da menina. O provérbio popular “Cala a boca já morreu! Quem manda na minha boca sou eu!” (1997, p. 34), não só confirma que a palavra pode cumprir um papel libertador, como ressalta que a palavra libertadora virá sempre do povo. A menina é representante do povo e da mulher e, acima de tudo, da criança. Esse grito de liberdade vinculase aos ditos populares, geralmente usados pelas crianças que se revoltam com pessoas que querem tirar sua liberdade. Ele tem o poder de desfazer a “maldição” que o velho sábio disse que teria que ser desfeita

Na tradição das fórmulas de encantamento e desencantamento, a frase que opera o milagre é ritmada e rimada. E além disso, nela, enunciado e enunciação coincidem, isto é, ela constitui um ato de fala (condição do desencantamento), que proclama o direito individual à palavra. (LAJOLO & ZILBERMAN, 2007, p. 155)

Essa menina representa no livro a palavra liberta, provavelmente inspirada pela personagem favorita de Ruth Rocha:

Na mistura de universos, a menina de avental e vestido xadrez, à maneira da Emília de Lobato, é a materialidade da mistura do cotidiano com o mágico, semelhantemente à boneca Emília, que era o mágico no meio do cotidiano: presença da irreverência infantil capaz de enfrentar o discurso da autoridade arbitrária. (OLIVEIRA, 2003, p. 82)

Quando a menina pronuncia o provérbio, acontece como nos contos mágicos

No mesmo instante ouviu-se um estalo,
como se fosse um trovão,
e começou um barulho estranho,
que há muito tempo ninguém escutava (1997, p. 35).

As pessoas voltam a falar, a brincar, a cantar e a sorrir. As palavras de um representante do povo, uma menina (criança e mulher), foram capazes de desfazer o autoritarismo, a prepotência e as arbitrariedades daquele governante, deixando claro que Ruth Rocha confia no povo para transformar a realidade e que, durante a ditadura, de forma discreta, ela também gritava “Cala a boca já morreu! Quem manda na minha boca sou eu!”

No desfecho do livro, Ruth abre um leque de finais possíveis para que o próprio leitor os imagine. No primeiro deles, ela diz que, por não aguentar ouvir todo mundo dizendo o que pensava, o reizinho fugiu e

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

nunca mais voltou. No segundo, ele desistiu de ser rei, deixando o seu irmão no lugar dele. E no último e mais interessante, ela diz que “há quem diga que quando o encanto se desfez o reizinho virou sapo e anda por aí pulando, coaxando e esperando que alguma princesa dê um beijo nele e ele vire rei de novo” (1997, p. 39). Este fim retoma os contos de fadas, onde princesas beijam sapos que viram príncipes.

Após dizer que é possível que o reizinho tenha virado um sapo, Ruth dá um conselho “Por isso, se você é uma princesa, vê lá hein! / Não vá beijar nenhum sapo por aí...” (1997, p. 39), Ruth acaba por ser um pouquinho autoritária, mas autoritária não da mesma forma coercitiva, arbitrária e prepotente que os reizinhos mandões que andam por aí, é uma espécie de alerta “vê lá hein!”, reflita antes.

Ruth Rocha propõe de modo bastante sutil e bem-humorado que o leitor reflita com cuidado sobre as coisas que lhe são impostas, nesta história especialmente sobre o autoritarismo e a liberdade de expressão que é um direito de todos, mesmo dos mais pequeninos.

3.2. O que os olhos não veem

O título do livro já é bastante sugestivo, pois é um trecho de um dito popular muito famoso “O que os olhos não veem, o coração não sente”. A escritora consegue fundir o imaginário com o real, permitindo que os leitores vejam e também sintam que eles têm o poder de transformar a sociedade. Ao valorizar ditos populares, a escritora dá voz ao povo, assim como ocorre em *O Reizinho Mandão*.

A oralidade do texto está marcada nos provérbios, como também no tipo de narração, Ruth se aproxima bastante do leitor e parece o tempo todo dialogar com ele, que por sua vez acaba por mergulhar na história. A intenção da escritora certamente é que o leitor possa interagir através do conto.

A escritora vale-se mais uma vez da alegoria, para falar de política e democracia. Desta vez o rei nem é “mandão”, mas tem uma doença muito séria:

Pessoas grandes e fortes
o rei enxergava bem.
Mas se fossem pequeninas,
e se falassem baixinho,
o rei não via ninguém (2003, s./n.).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Conhecemos bem este tipo de doença. Ela existe desde sempre e sempre existirá. Os governantes sempre fecham os olhos e os ouvidos para ver ou ouvir o povo.

Por conta desta grave doença, os funcionários deste rei não podiam ser quaisquer pessoas, havia critérios importantes para tal escolha:

Por isso, seus funcionários
tinham que ser bem escolhidos
entre os grandes e falantes,
sempre muito bem nutridos.
Que tivessem muita força,
e que fossem bem nascidos.
E assim, quem fosse pequeno,
da voz fraca, mal vestido,
não conseguia ser visto.
E nunca, nunca era ouvido. (2003, s./n.)

O mais estranho disso tudo é que há outros governantes que sofrem desse mesmo mal, parece até que se trata de uma pandemia incurável. Percebe-se claramente que essa doença não é física

E o povo foi desprezado,
pouco a pouco, lentamente,
Enquanto que o próprio rei
vivia muito contente;
pois o que os olhos não veem
nosso coração não sente (2003, s./n.),

sua surdez e cegueira estão no nível da consciência, o rei preferiu ignorar o povo, ignorar que existem pessoas que sofrem, trabalham para ter uma vida digna. O fato é que existem muitas pessoas como este rei e nem é necessário ir tão longe para encontrá-las.

Outra característica da “doença” do rei é que ela logo se espalhou

Quem vivia junto ao rei
logo a doença pegou.
E os ministros e os soldados,
funcionários e agregados,
toda essa gente cegou (2003, s/ n.).

O rei e aqueles mais próximos dele são todos acometidos desta “cegueira”; e o povo não é visto, nem ouvido. Há, então, uma divisão clara entre classe dominante e classe dominada; é claro que a classe dominada não tem “voz”, pois a classe dominante não tem ouvidos “sãos”.

A alegoria está formada. De um lado os figurões, pessoas grandes, bem-nascidas, bem nutridas e que falam alto; do outro lado pessoas pe-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

quenas, que falam baixo, que são mal-vestidas, que trabalham e não têm qualquer reconhecimento por parte dos governantes. Cenário engraçado, não é? Seria “se não fosse triste” (2003, s./n.), como diz a própria autora, é triste porque é a vida real que está sendo parodiada. A ficção se separa, mas não se distingue da realidade social deste país, mesmo nos dias atuais, onde temos uma “democracia”.

A escritora, mais uma vez, faz ver que o poder emana do povo. Os governantes são os figurões, os grandes, os bem nascidos e o povo, quando se encolhe, se amedronta, realmente, é pequeno, não tem voz e nem tem vez, como a narradora diz no livro “Pois quem monta na garupa/ não pega nunca na rédea!” (2003, s./n.). Ruth aposta no povo como solução para a doença de certos reis cuja atitude demonstra completo descaso pelos mais pobres, esta forma de governar é que mantém as estruturas sociais sempre iguais, não permitindo que as pessoas consigam se deslocar de uma classe social para a outra, mas em uma democracia, não se pode governar apenas para “os grandões e bem-nascidos”.

Como socióloga, Ruth Rocha sabe do poder que o povo tem e os governantes também sabem. O povo se manifesta quando quer, mas quando realmente quer se faz ser visto, ser ouvido e faz-se “gigante”, como aconteceu na campanha “Diretas já!” e no “Impeachment” do então presidente Fernando Collor de Mello.

O povo na história se une para resolver a situação

Eles então se juntaram,
discutiram, pelejaram,
e chegaram à conclusão
que se a voz de um era fraca,
juntando as vozes de todos
mais parecia um trovão (2003, s./n.),

para resolver o problema do tamanho eles utilizam pernas de pau e agora podem ser vistos e ouvidos pelos poderosos doentes da tal “cegueira” e “surdez”. O povo faz valer e antecipa um dos principais direitos que vigoram na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 “Parágrafo único. Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos diretamente, nos termos desta Constituição”¹⁴ (online). Enquanto o “gigante” se dirige ao castelo, o rei continua contente “Pois o que os olhos não veem / nosso coração não sente” (2003, s./n.),

¹⁴ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 25-05-2009.

porém ao avistar o gigante, fica muito assustado. O mesmo acontece com os demais:

tremiam como geleia,
daquela grande assembleia,
como eu nunca imaginei! (2003, s./n.).

No fim, toda a corte reinante foge com medo daquele imenso gigante. O rei diz “Se governar era aquilo, / ele não queria mais!”. Ignorar completamente o povo e governar é muito fácil, mas quando o povo se faz ver, ouvir e contesta não é mais tão simples assim. Ruth termina a história, mais uma vez, abrindo o caminho para a imaginação do leitor “O que se seguiu depois/ cada um vá inventando” (2003, s./n.)

Ruth Rocha permite que seu leitor não apenas analise o real a partir do imaginário, mas dá a ele uma visão crítica da realidade, deixando claro que não se pode cruzar os braços, muito menos acovardar-se, cumprindo assim um dos papéis fundamentais da literatura

[...] deverá ser interrogadora das normas em circulação, impulsionando seu leitor a uma postura crítica perante a realidade e dando margem à efetivação dos propósitos da leitura como habilidade humana. Caso contrário, transformar-se-á em objeto pedagógico, transmitindo a seu receptor convenções instituídas, em vez de estimulá-lo a conhecer a circunstância humana que adotou tais padrões. (ZILBERMAN, 2003, p. 176)

3.3. Sapo vira rei vira sapo

Este livro, como diz o próprio subtítulo, *A volta do Reizinho Mandão* é a retomada de *O Reizinho Mandão*, portanto este sapo que se tornará príncipe e depois rei traz algumas características conhecidas do Reizinho Mandão. Ele é mandão, implicante e chato.

O livro começa, como sempre, com muito bom humor, rimas e ritmo, dialogando claramente com o poema de Manuel Bandeira “Os sapos”

Vinha o sapo pela estrada
Avançando passo a passo.
Pula, pulando seus pulos,
Recitando no compasso;

– Meu pai foi rei!
Foi, não foi!
Meu pai foi rei!
Foi, não foi! (BANDEIRA, 2003, s./n.)

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Segundo Zilberman, a história, ao dialogar com o poema de Manuel Bandeira, “que assume atitude irreverente diante dos representantes da tradição e do conformismo, Ruth antecipa que a personagem não conta com sua simpatia” (2005, p. 63). O sapo, neste conto modernista, não é mais visto como nos contos de fadas, ele não se tornará um ser príncipe como nos contos de fada, que só tem bondade no coração.

O sapo, após ganhar o beijo da princesa, por ter pegado sua bola de ouro que cai dentro do rio, metamorfoseia-se em príncipe, porém

A menina, que era esperta
Não ficou muito espantada...
Pois ela já tinha lido
Muitas histórias de fada (2003, s./n.).

A narradora diz que como nos contos de fadas eles logo se casaram “Mas, como na realidade, / As coisas logo mudaram...” (2003, s./n.), a narradora deixa claro que o conto de fadas para por ali, não há “foram felizes para sempre”. A narrativa dialoga com o conto clássico *O rei sapo*¹⁵ recolhido e fixado pelos Irmãos Grimm no começo do século 19.

Depois da morte do rei que era o pai da princesa, o príncipe vira rei daquele lugar e imediatamente começam suas sandices. A escritora chega a chamá-lo de “bobo” e percebe-se nas ilustrações, tanto em *O Reizinho Mandão*, quanto em *Sapo Vira Rei Vira Sapo*, que ele parece mesmo um bobo da corte e suas atitudes e leis são extremamente infantis:

No fim do mês todo mundo
tem que dar ao rei metade do que
ganha que é pro rei comprar
confetes pro carnaval (2003, s./n.).

Desta forma, as crianças percebem, de modo sutil, que alguns comportamentos não são adequados nem para as crianças, do que fará a governantes.

É conveniente ressaltar que o rei que morreu não era tão bom e o povo não chorou por ele. Ao contrário, o povo fez muitas festas, pois eles tinham a esperança de que o novo rei fosse um pouco “melhorzinho” (mais uma vez Ruth Rocha utiliza o diminutivo pejorativo). Na nossa

¹⁵ Conto dos Irmãos Grimm. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/3995>>. Acesso em: 05-06-2009.

História também é assim; temos sempre a esperança de que o novo governante seja melhor que o antigo.

O rei continua a fazer suas leis absurdas e as pessoas começam, é claro, a falar mal daquele reininho. O rei começa a esbravejar que era um grande desaforo que todos falassem mal dele, porém a princesa dá razão ao povo e diz que o povo só falava a verdade, então o reininho muito furioso manda que todas as verdades fossem presas “Embrulhadas, amarradas, presas no sótão real! (2003, s./n.)

As verdades começaram a ser presas, conforme solicitado pelo reininho, porém no dia seguinte já havia verdades por toda parte. Quando ele descobriu que as pessoas é que diziam as verdades, mandou que todos fossem presos “Até a rainha! Até os ministros! Até os soldados! Todo mundo” (2003, s./n.). A história (ou a História) se repete, o povo não tem voz e se for para denunciar os desmandos de um governante tirano, nem se fala. Sabe-se que, durante a ditadura militar, muitas pessoas, quando não desapareceram, foram exiladas ou torturadas brutalmente.

4. Palavras finais

As obras de Ruth Rocha contam, com uma linguagem lúdica e bem-humorada, problemas muito sérios que envolvem não apenas aos adultos, mas também as crianças. Ruth Rocha conseguiu fundir o moderno ao conto de fadas, pois ela fala ao mesmo tempo de política, de ética, de democracia, do real, que se misturam ao mundo mágico das maldições, de velhos sábios, reis, sapos que viram príncipes e príncipes que viram sapos.

O poder é apresentado e posteriormente questionado nas obras, este questionamento conduz a uma reflexão sobre o papel do indivíduo na sociedade, seja adulto ou criança, e leva à conclusão de que, à medida que as pessoas se manifestam e se unem formando “o gigante”, elas têm a possibilidade de transformar a realidade na qual elas estão envolvidas. A criança se vê, desde cedo, como cidadã, capaz de mudar sua realidade.

A escritora utilizou a literatura para denunciar o autoritarismo e expressar o que sentia em um momento histórico. Muitos fizeram algo similar, infelizmente, nem todos escaparam ilesos.

Confirmou-se que as obras analisadas tratam de temas com enfoque social e político, falando de democracia e autoritarismo. É claro que

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

as narrativas se dirigem o tempo todo, às crianças, mas tratam sim dos mesmos temas que obras dirigidas aos adultos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1980.
- BASTOS, Dau. (Org.). *Ana & Ruth – 25 anos de literatura*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1995.
- BONINO, Rachel. A encantadora de crianças. *Revista Língua Portuguesa*, São Paulo, ano III, n. 32, p. 12-16, 2008.
- DIJK, Teun Adrianus van. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6 ed. São Paulo: Ática, 2001.
- _____. *O que é literatura*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- OLIVEIRA, Ieda de. *O contrato de comunicação da literatura infantil e juvenil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- ROCHA, Ruth. *Como se fosse dinheiro*. Edição renovada. São Paulo: FTD, 2004.
- _____. *Este admirável mundo louco: uns pelos outros; quando a escola é de vidro*. São Paulo: Salamandra, 1986.
- _____. *Romeu e Julieta*. 14. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.
- _____. *Como e porque ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.